Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 207 • Uberaba/MG • de 13 a 19 de maio de 2002

Pça Rui Barbosa

Casa da esquina assombrou imaginário popular

Filhas e vizinhos morrem de tuberculose. Mansão é demolida no início do século XX. Nunca mais foi construído nada no terreno desde então. Ninguém tem fotos da casa

págs. 6, 7, 8 e 9

Capa: André Azevedo / foto: arquivo Ricardo Prieto

Expozebu: O que há por trás do glamour da festa págs. 4 e 5

issuu-downloader.com

Crônica

A história do tempo: a força da vida

reprodução

Ralfer Zaidan
5º período de Jornalismo

É incrível o poder das pessoas. Incalculável ainda, a força que um ser possui quando deseja alcançar um destino ou objetivo. Fica para trás o medo, a desconfiança e a inveja. O homem se veste numa malha de compreensão e é capaz de voar.

E voa alto. Vai além das nuvens da imaginação e inunda o coração de ansiedade. É a vontade de vencer. E não existe coisa melhor do que um dia bem realizado. É poder descansar mais leve e ter a certeza que o compromisso foi cumprido.

Existem obstáculos. São nesses desafios, que descobrimos a força interior que existe em cada um de nós. Um poder que às vezes, não sabemos que somos possuidores. Ter certeza que o ontem abriu portas para o hoje, faz parte da satisfação interior de cada ser. É cruzando destinos, que o homem ainda vive. Acorda todos os dias e agradece por mais um período de existência alcançada.

Quando existe o perigo, o homem se acaba em medo e revolta. O ser mais inteligente da natureza, agora teme a morte. O corpo estremece e o cérebro não aceita estímulos. Tudo fica paralisado e o choque é inevitável.

Mas, quando é o final? Por mais que estejamos preparados, nunca saberemos ao certo até onde conseguiremos chegar. Imaginemos então, uma longa distância a ser percorrida. A juventude dos pensamentos, é que levará o bicho homem pela estrada. E enquanto as pessoas continuarem sonhando e acreditando em algo, o mundo existirá. Nesta diária viagem que fazemos, somos apenas passageiros. Em algum lugar e tempo, teremos que descer. Só assim, o mundo parte para a sua eterna jornada.

Quando a partida é prematura, forçada, a dor fica ainda mais intensa em nossos corações. Não tomemos ar de revolta. Acreditemos então, no conforto do Criador. A jornada de trabalho durante o dia e a viagem para a universidade ao entardecer, torna-se uma rotina desafiadora para muitos e concluída por poucos. Meros vencedores.

E a vida? Essa por sua vez, fica para sempre nos corações daqueles que foram amados. O momento mais exato para a reflexão interior, é agora. Uma compreensão interna dos sentimentos fará com que acreditemos na força do viver. E o amanhã, continua sendo o nosso mistério.

Condolências às famílias que foram envolvidas no trágico acidente dos universitários de Sacramento.

Ombudsman

A "importância do título"

Newton Luís Mamede

Stanislaw Ponte Preta, grande humorista brasileiro das décadas de 50 e 60, do século passado, escreveu uma crônica sob o mesmo título acima e chamava a atenção para o fato de haver tanta gente "pendurada" em agiotas que, ao ler esse título, sentia um sobressalto e pensava que o termo *importância* se referisse a "valor monetário", e *título* fosse qualquer documento que comprovasse a "prisão" do devedor ao agiota, ou seja, "nota promissória" ou qualquer outra "ameaça" ao devedor. A expressão usada pelo autor se referia à importância do título de uma obra literária.

Aqui, também, faço a mesma ressalva e explico que *importância do título* não significa *valor registrado em nota promissória*, ou *valor do cheque*.

O *título* aqui considerado é o de pós-graduação, principalmente *stricto-sensu*, que qualifica professores universitários. E *importância* é o valor que um título desse assume para a qualificação de uma universidade, tanto o valor legal, perante o Ministério da Educação, quanto o de *status*, perante a sociedade.

Sabe-se que não é necessário que todos os professores de uma universidade sejam mestres ou doutores. Mas também é necessário que haja um percentual mínimo de docentes com esses títulos, condição sem a qual uma universidade fica irregular e ameaçada. Foi isso que levou a Universidade de Uberaba a promover uma reforma em seu quadro docente, nos últimos cinco anos, com a elevação do contingente de mestres e doutores, e com a promoção e o incentivo de cursos de pós-graduação para os docentes que deles necessitam. E, assim, nossa Instituição atende às exigências legais.

Um aspecto, porém, que precisa ser muito bem considerado e questionado, e que pode parecer uma contradição a essas exigências legais, é este: **não é a titulação pós-graduada que garante a competência de um professor.** Competência em todos os sentidos: de conteúdo, de espírito científico, de didática e de interação com o aluno.

Se o governo exige um percentual de professores com os títulos de mestre e de doutor, para uma universidade, é porque esses títulos devem significar elevada qualificação para o ensino, para o exercício do magistério. Mais ainda: esses títulos devem ser coerentes com elevado saber e elevada competência dos professores, em todos os sentidos mencionados acima. Isto é, professores de qualificação elevada (mestres e doutores) devem ter alta competência para *ensinar*, para *ministrar aulas* aos alunos dos cursos de graduação. Se são dotados de *elevado saber*, o ensino que eles praticam deve, também, ser de elevada qualidade. E os alunos, por sua vez, tendo recebido ensino de alta qualidade, também terão essa qualidade elevada em sua aprendizagem. E a universidade que os abriga será, então, de elevado conceito.

Ora, é verdade que isso não acontece cabalmente. Muitos mestres e doutores procuram essa ascensão de títulos apenas para se distanciarem das salas de aula e para se dedicarem à pesquisa. É óbvio que uma universidade não é só ensino, muito menos só ensino de graduação. A pesquisa é a grande marca de uma universidade, conforme venho afirmando insistentemente. Mas doutores e mestres que promovem a elevada qualidade do ensino são aqueles que *ensinam*, ou seja, os que ministram aulas aos alunos dos cursos de graduação. (Estou empregando o termo *ensino* em sentido tradicional, embora não seja muito adequado aos modernos propósitos pedagógicos).

E mais: uma pós-graduação em mestrado e doutorado não é um passe de mágica. Não significa que, ao receber a titulação oficial, o titulado passe a ser um "deus da sabedoria" completamente apto a lecionar. A *importância do título* é de caráter sobretudo legal e oficial. Essa "importância" não opera a transformação imediata do cidadão em um professor altamente qualificado, intelectual, científica e didaticamente. Ser um professor de fato, em competência integral e coerente, não depende apenas de cursos e de títulos de pós-graduação. Não é a enumeração desses títulos em currículos e em capas de livros ou de apostilas que confere "importância" e real competência a um professor. Títulos não são a essência de um profissional do magistério, de um educador.

A exigência de títulos de pós-graduação somente faz sentido se esses títulos *chegarem* às salas de aula. Se eles significarem, de fato, formação integral de professores-educadores. Aí, sim, os títulos terão real importância.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Jornal da Manhã • • • Fale conosco: Universidade de Uberaba - Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • Tel: (34) 3319-8952 • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Universidade

Semana de Seminários inicia com Domingo no Campus

Universidade de Uberaba recebe Arthur Moreira Lima e convida toda a comunidade

Cassia Rocha
4º periodo de Jornalismo

Uma das semanas mais movimentadas nos dois campi da Universidade de Uberaba começa no próximo domingo, dia 19, com a abertura oficial da XIII Semana de Seminários. A programação especial de abertura, batizada de Domingo no Campus, vai proporcionar para a comunidade acadêmica e toda a população uberabense, a partir das 9h, uma programação diversificada que inclui o recital do pianista Arthur Moreira Lima, às 11h30 no Campus II.

"A instituição deseja propor ao aluno temas extra-curriculares e palestrantes que tragam novidades"

Durante toda manhã, vários cursos estarão desenvolvendo atividades específicas voltadas para a comunidade. O curso de Educação Física, por exemplo, está responsável pela prática de rapel e de bungee-jump. Já o de Fonoaudiologia, irá trabalhar com audiometria, testando a capacidade de audição das pessoas interessadas; a Biomedicina fará exames para detectar a Diabetes, e assim por diante. Enfim, todos os cursos estarão envolvidos.

O mestre em Ciências e Valores Humanos, Hugo Prata, mebro da Comissão Científica responsável pela organização dos Seminários explicou que o objetivo do Domingo no Campus é promover a interação entre a populçação uberabense e a universidade. Os professores do ensino médio, por exemplo, estarão em contato com os professores da Universidade para a troca de experiências. "Este intercâmbio é importante, pois o que não pode acontecer é trabalharmos num sentido desejando um tipo de aluno e o curso médio formar um outro tipo de aluno. É necessário que se tenha um contato para trabalhar um objetivo comum", explicou.

A participação do público é gratuita

Na segunda-feira a programação começa logo pela manhã com palestras que acontecem simultaneamente em vários pontos do campus, divididas de acordo com os cursos do período matutino. A tarde, as palestras prosseguem, atendendo aos cursos do vespertino e a noite, por conseguinte as palestras serão direcionadas aos alunos do curso noturno. Ao todo, estima-se que aconteçam cerca de 450 palestras durante toda a semana de seminários que termina na sexta-feira. Para cada curso, são destinadas cerca de quatro palestras diárias, proferidas por profissionais renomados, indicados pelo próprio curso.

Hugo Prata ressalta que na semana de seminários a instituição deseja propor ao aluno temas extra-curriculares e palestrantes que tragam, novidades. "Os temas que são do di-a-dia, o aluno recebe na sala de aula", enfatiza. Se o aluno não for atraído por espontânea vontade, a instituição de encarrega de garantir a presença dele nas palestras, pois eles são obrigados a atingir, no mínimo 12 horas de frequência nos seminários.

"O desejo da professora Elsie Barbosa, vice-reitora da Universidade, é trabalhar para que as palestras sejam cada vez mais interessantes e para que aluno se conscientize da importância deste evento.Queremos com isto, que a semana de seminários não se transforme em algo massacrante e obrigatório, mas sim mais democrático em que o aluno assista o que quiser e se quiser", defendeu.

Atrações culturais

Além das palestras, durante a Semana de Seminários acontecem atividades paralelas. Nesta XIII edição, a programação prevê exposições como a mostra individual de Artes Plásticas, do artista autodidata e professor da Universidade, Dalmo Cassimiro, que ficará na Biblioteca Central do Campus II, de 20 a 25; exposiçaõ denominada "Aguas e Fotografias, que ficará no mesmo período, no Centro Cultural Cecília Palmério, Campus I; o Festival Universitário do Minuto, no dia 23 às 19h30 no auditório do Centro Cultural Cecília Palmério; e o desfile "As Divas do Cinema", no dia 23, às 20h na quadra coberta do Campus II.

A participação do público é gratuita. Hugo Prata defende a idéia da criação de eventos como este para que a comunidade faça parte da Universidade pois poucas pessoas de Uberaba a conhecem e grande parte da economia da cidade depende dos universitários. A instituição tem 7.300 estudantes, deste total cerca de 5.000 são de for a. "A quantidade de pessoas que dependem dos estudantes é grande: são donos de bares, de pensões, motoristas de taxi entre outros . Em época de férias as pessoas que vivem dessa renda ficam apavoradas pois o movimento acaba", exemplifica.

A instituição tem mais de 1.000 funcionários e mais de 1.000 professores que vêm de fora e que gasta todo o seu dinheiro aqui na cidade . No geral, o Campus tem uma população de quase 10.000 mil habitantes, que vive com renda própria e a cidade se beneficia disso. Hugo Prata acha que Uberaba deveria prestigiar mais a Universidade, porque a instituição leva seu nome para muitas outras regiões.

O pianista Arthur Moreira Lima fará recital no Campus na manhã de domingo

Curso prepara docentes para avaliação

Professores receberão instruções sobre os procedimentos insticucionais exigidos pelo MEC

No dia 22, paralela à Semana de Seminarios, um professor de cada curso de graduação tem encontro marcado com a Comissão de Auto-Avaliação Institucional da Universidade de Uberaba. A partir das 14h será ministrado um mini-curso pela professora Edna da Silva, coordenadora do Departamento de Avaliação Institucional da universidade Anhanguera (São Paulo).

Durante toda a tarde, os professores vão receber instruções sobre os processos de avaliação institucional exigidos pelo MEC (Ministério da Educação). De acordo com o professor Ricardo Prata Soares, integrante da Comissão de Auto-avaliação, as universidades são submetidas a esta análise para atender ao processo de recredenciamento.

Segundo ele, a Universidade de Uberaba vai adotar como metodologia para a sua auto-avaliação um questionário aberto à comunidade (professores, funcionários e alunos) abordando questões referentes à vida acadêmica. "Pretendemos colher a opinião da comunidade sobre várias questões, desde laboratórios, bibliotecas, disciplinas, professores, diretores, política administrativa. Tudo será avaliado", explicou.

O questionário será disponibilizado via internet, e a pessoa que respondê-lo não precisará se identificar. "Num primeiro momento, os instrumentos de pesquisa e avaliação devem aparecer como micro opinião pública, onde o papel da pesquisa é revelar o estado atual de avaliação de nossa convivência e interação. Em 2003, esperamos que este processo possa continuar de forma natural, ou seja, institucional", disse Ricardo Prata, salientando que esta é uma avaliação contínua que visa a melhoria da Universidade.

issuu-downloader.com

Expozebu

Na terra do Zebu, quem tem chifre é rei

Tratadores garantem maiores lucros aos criadores

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo
Alessandra Mendonça
6º período de Jornalismo

Fotos: Leonardo Boloni

O tratador Luiz Guedes dispensa muita atenção ao gado sob sua responsabilidade

Neste mês de maio, na cidade de Uberaba, quem brilha nas passarelas pesa mais de 50 arrobas. Depois do anúncio do leiloeiro, as cortinas se abrem e entra na arena um belo exemplar da raça zebuína. Os holofotes se direcionam para o animal, atraindo as atenções e suscitando lances cada vez mais altos da platéia, composta por fazendeiros, que entre um uísque e outro, avaliam a postura do animal e o lote a ser negociado.

Medalha, medalha, medalha...

Até o grande dia, quando será comercializado, o boi ou a vaca passa por uma série de preparativos e avaliações. São quesitos fundamentais que começam com a hereditariedade do animal passando pelo tratamento que é dispensado pelo seu dono, e concluindo com um bom currículo de premiações em exposições anteriores, para assim, garantir uma boa venda. "O animal tem que preencher todos os requisitos ideais para o padrão da raça, sejam as qualidades genéticas, raciais e econômicas, podendo ser considerado um animal de elite. São animais que geralmente conquistam os campeonatos, e a cada prêmio conquistado, eleva seu valor de comercialização", explica o médico veterinário, criador e um dos jurados da ABCZ - Associação Brasileira de Criadores de Zebu, Arnaldo Manoel de Souza Machado Borges.

Antes de chegar à pista, é feita uma prévia para avaliar a genética, o pedigree e a origem do animal. Nesta mesma avaliação, os organizadores buscam uma uniformidade do lote, observando a pelagem, a idade e a qualidade. "Durante o julgamento, além do desempenho e postura na pista, outro fator que eleva o valor do animal é a *cria ao pé* (vaca acompanhada do bezerro), pois ela dá garantia da qualidade do animal como matriz", diz o jurado.

Os lances podem chegar até centenas de milhares de reais, como foi o caso da vaca Moça TE, comercializada por R$ 700 mil, divididos em 14 parcelas de R$ 50 mil. Dos 35 leilões realizados, foram movimentados, aproximadamente, R$ 32,9 milhões conforme informações divulgadas no site da ABCZ.

A responsabilidade de quem cuida do gado pode ser comparada com a de quem transporta uma maleta cheia de dinheiro

Os cuidados dispensados para manter um animal como este, que vale uma fortuna, vão desde o carinho, à dedicação quase que exclusiva. O tratamento também implica em noites em claro, quando a cria manifesta qualquer sintoma de doença. A responsabilidade de quem cuida pode ser comparada com a de quem transporta uma maleta cheia de dinheiro. Pessoa com tal perfil, não é nenhum executivo, mas sim o tratador, o empregado da fazenda do dono do gado. A ele, cabe as tarefas de dar banhos, tosar, servir uma alimentação balanceada, e manter um cuidado rigoroso com a saúde. O trato com os cascos é feito por um profissional a parte, o casqueador.

Tratador descança dividindo espaço com bois

A vida dos Tratadores

Eles possuem a mesma genética de seus ancestrais, porém, neste caso, a hereditariedade pouco importa quando se trata de tratadores de animais. O porte deles, geralmente parecidos, são daqueles que, com o tempo, demostram as durezas do trabalho braçal; tem calos nas mãos e expressões marcadas pelo tempo. Mas são os escolhidos para tratarem desta criação valiosa e acompanhá-la no momento de exposição.

"Aqui a gente tem que trabalhar dia e noite. A partir do momento que você entrou no parque, não tem hora certa pra parar"

O trabalho é rigoroso. Limpam a área onde o boi está, catando seu esterco, tratam da alimentação, dão banho e os conduzem para as pistas de julgamento. Na verdade, devem estar preparados para ficar de prontidão. "Aqui a gente tem que trabalhar dia e noite. A partir do momento que você entrou no parque, não tem hora certa pra parar", conta Luiz Pereira Guedes 46 anos. Para seu colega de trabalho, Jorge Antônio Cardoso, 33, o momento que exige mais do tratador é durante a apresentação no julgamento.

Além disto, precisam ficar atentos a qualquer alteração no comportamento que possa indicar uma possível doença. Os anos de experiência ensinaram os tratadores a observar os animais. "Eles ficam tristes e não comem bem, aí a gente já sabe que algo está errado", diagnostica Luiz Guedes, que lida com gado desde os 14 anos de idade. Às vezes ele faz o papel de veterinário, quando percebe um sinal que indique problema de saúde no animal, toma suas providências. Até coca-cola ele dá quando o gado está "empanzinado". "O animal tem que melhorar em pouco tempo, em torno de uma hora, caso contrário, tenho que chamar o veterinário".

Os tratadores também sentem quando algo de errado acontece. É o caso de Luiz Guedes que presenciou a morte de uma bezerra após ela ter ingerido um parafuso que estava da palha de arroz. "Fica ruim, né, a gente trabalha em cima disso e quando acontece, é chato. Às vezes fico mais

issuu-downloader.com

sentido que o patrão, pois dediquei meu trabalho, vi nascer, crescer e aí o bezerro morre por outro motivo", lamenta.

Um problema comum para todos é o longo período que passam longe de seus familiares. Quando saem de casa, a maioria não sabe quando volta. Ao longo do ano, alguns acompanham o gado em 10 exposições, em média, por diversas partes do Brasil. "Se o patrão avisar, jogo as tralhas no caminhão e vou embora, levando o gado na carroceria. Sinto falta de casa, da mulher e dos filhos, nada melhor do que o lar da gente", completa Luiz Guedes.

Acomodações e descanso

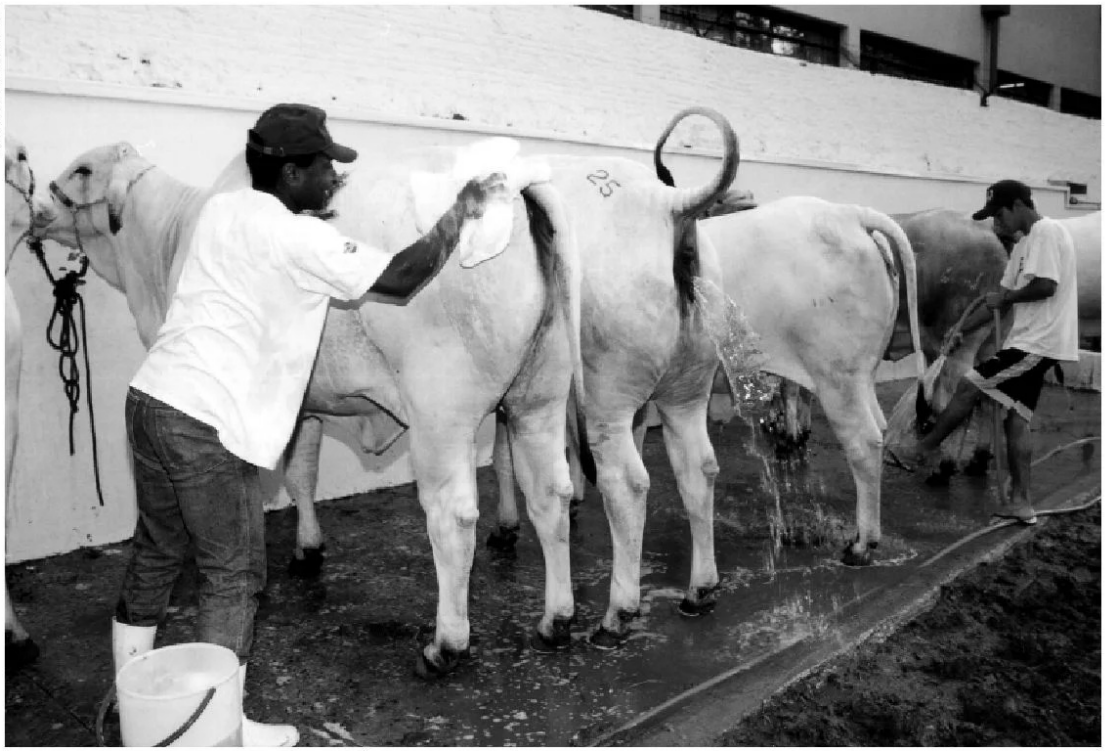
Na hora de dormir, alguns se deitam em barracas dispostas próximas ao gado e outros, em redes ou nas estruturas construídas sob os caibros dos pavilhões, os "tatuzinhos". Um raro momento em que podem ficar em uma posição superior aos animais. Mesmo assim, alguns tratadores, que dormem acima do gado, reclamam que os longos chifres do guzerá acabam pegando no fundo destes "tatuzinhos", incomodando seus momentos de descanso.

Apesar da movimentação de pessoas nos pavilhões e do som dos shows, eles conseguem dormir. "O trabalho cansa tanto, que dormimos mesmo com toda esta barulheira", diz o tratador José Pereira, 37, que revesa com o irmão o trabalho e o horário de descanso.

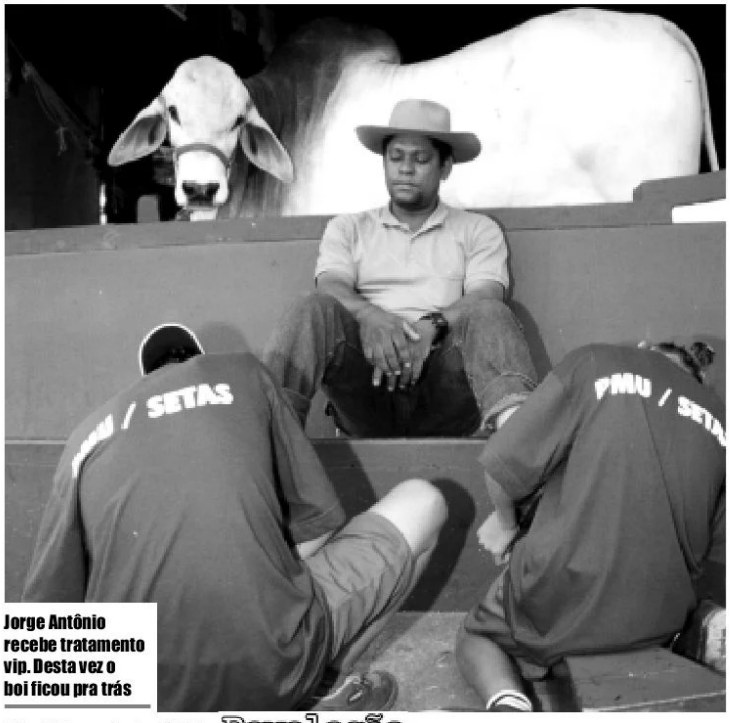
A esperança de se tornarem criadores

Quando questionados sobre a possibilidade de um dia possuirem seu próprio rebanho, a maioria sonha. Luiz Guedes recebe um salário de R$ 450,00 com o qual mantém sua esposa e seus cinco filhos. Para ajudar, o patrão oferece um plano de saúde e dá uma porcentagem das vendas nos leilões. Ele cuida de 11 cabeças no parque. Com a venda de quatro cabeças, pode ganhar aproximandamente R$ 200,00 a mais. "Trabalho dia e noite tentando melhorar a vida e possuir alguma coisa". Embora ele esteja com uma idade avançada afirma: "a esperança é a última que morre".

Fotos: Leonardo Boloni



Banhos fazem parte dos preparativos para o leilão



Jorge Antônio recebe tratamento vip. Desta vez o boi ficou pra trás

José Pereira ganha R$ 500,00 por mês. Ele não é casado, mora com a família na cidade de Sales de Oliveira (SP). De acordo com ele, o dinheiro que recebe "dá pra levar". Juntamente com seu irmão, tratam de 15 cabeças de gado expostas no parque. Ele tem experiência de 10 anos na área e diz que o trabalho é bom, "Até a hora que aguentar a gente vai, né". Ele procura ser realista, sabe que nunca poderá tratar de seu próprio rebanho. Mas não deixa de sonhar. "Quem não gostaria de ser um fazendeiro?", disse, sorrindo. Luiz Guedes completa: "Acho que o sonho de todo tratador é um dia ter criação própria".

"Acho que o sonho de todo tratador é um dia ter sua própria criação"

Jorge Antônio pode-se considerar um privilegiado. Sozinho, cuida de 10 animais na Expozebu. Ganha melhor que os outros, cerca de R$ 800,00. Sustenta a mulher e os três filhos que moram na roça, na região de Linhares (ES). "Por isso, o dinheiro é suficiente", completa. Ele ainda recebe algumas bonificações pelo seu trabalho. Existe uma comissão de R$ 100,00 se ganhar o primeiro prêmio na pista. Caso faça de um animal um grande campeão da exposição, ganha R$ 500,00.

Mas percebe-se um certo conformismo em meio a indignação, como deixa claro Luiz Guedes: "Prefiro nem levar em conta; como o salário em geral é este, não me revolto. Se for parar para pensar nisso, dá vontade de brigar por algo melhor. Mas sei, que se sair do trabalho, tem dez esperando minha vaga. Então é desse jeito, antes pingar do que faltar", resume.

Já Adair Silvestre, 27, foi contratado para trabalhar apenas durante esta exposição. Para cuidar de 12 cabeças, recebe R$12,00 por dia, com todas as suas despesas pagas. Do seu trabalho sustenta seis pessoas: esposa e quatro filhos. Está disposto a fazer o que mandar. Nos outros períodos do ano, costuma fazer bicos pela cidade.

Ele não se preocupa muito com os valores comerciais que podem atingir um animal deste porte. " Não estou por dentro do preço", diz. Mas arrisca uma opinião em relação a esta disparidade: "justo não é não. Eu acho que a gente poderia ganhar um pouquinho mais". Mas se conforma, e diferentemente dos outros, procura não sonhar alto, "Não tenho nenhuma cabeça de boi, prefiro levar essa vida assim mesmo. Ser fazendeiro deve dar muita dor de cabeça", supõe o trabalhador.

issuu-downloader.com

ESCOMBROS DA MEMÓRIA COLETIVA

História havia sido condenada ao esquecimento

Casa demolida guardava lembranças de famílias que sofreram com a moléstia que atormentou o imaginário do século XIX

André Azevedo
1º período de Jornalismo

"O passado dos homens e do mundo é vivido também no cotidiano de todos"
Maria do Carmo Brant de Carvalho

Em meados do século XIX, Capitão Manoel Prata – amigo de Major Eustáquio, o fundador de Uberaba – mandou construir a casa na esquina da praça Rui Barbosa com a rua Santo Antônio. Lá foram morar sua filha Anthonia Mathilde Prata, a Antoninha, juntamente com o marido Wenceslau Pereira de Oliveira, o Vença, agente executivo (cargo que hoje corresponde ao de prefeito) de Uberaba por dois mandatos. Vença e Antoninha tiveram nove filhos. A filha Anna Mathilde, a Quituca, casou-se com Arthur Machado. O filho João Eusébio Prata, o Bem Prata, chegou a ser agente executivo na década de 30. Mas eles estão fora dessa história. A filha Antonia Mathilde, a Tonica, casou-se com Zacarias Borges de Araújo e tiveram dois filhos: Lauro Borges e Zacarias, o Borgico. Vão morar na casa vizinha, na rua Santo Antônio. Voltaremos a falar deles. Maria Castorina, a Cotinha, casou-se com Carlos Baptista Machado mas morre antes dos pais. Não se sabe a causa. Três filhas, listadas na árvore genealógica da família apenas pelos apelidos – Olivia, Bembem e Julia –, não se casaram, não geraram descendentes, continuaram a morar na casa e, como será mostrado, terão fim trágico.

reprodução (arquivo Juquita Machado)

Maria Castorina, a Cotinha, e seu marido Carlos Baptista Machado. Filha legítima de Wenceslau, seu nome foi suprimido em livro da história

André Azevedo

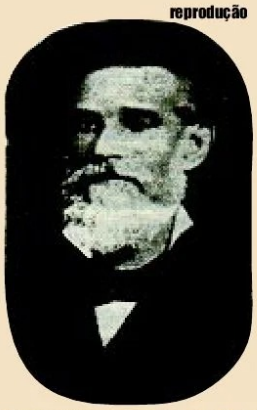
José Carlos Machado Borges, o Juquita Machado, autor da árvore genealógica dos Borges, é notório na cidade por sua memória prodigiosa aos 91 anos

A casa do lado direito, na rua Santo Antônio, pertenceu a Zacarias e Tonica que moravam com os filhos Lauro e Borgico. Na casa do lado esquerdo, à praça Rui Barbosa, o porão era dividido em dois, abrigando, de um lado, o açougue de Don'Anna Felicce, mãe de Genário Felicce, que gostava de tocar violino; o outro lado era a bicicletaria de Vitorio Varoto. Don'Anna também sofrerá pelo outro filho, o irmão de Genário.

José Carlos Machado Borges, 91, conhecido como Juquita Machado, lembra-se do sucesso da bicicletaria de Vitorio Varoto. "Ele ganhou muito dinheiro consertando bicicleta. Não sei de onde saía tanta bicicleta", diz. O prédio imediatamente posterior era o antigo teatro São Luiz. Juquita Machado conta que nunca se esqueceu desse prédio porque sempre que subia o morro e passava à porta via o buraco de bala na parede. "Gabriel Anconi, um amigo da família, jornalista, vizinho de minha avó, deu um tiro num jardineiro uma vez. Os Anconi eram muito violentos", lembra. A casa mais abaixo foi de Joaquim Rodrigues de Barcelos, o Major Quincota, mas ele também está fora de nossa triste história. Da casa da esquina, Juquita Machado lembra-se vagamente, pois era criança ainda quando passava à porta para ir à Igreja. Ele imagina que foi demolida em meados da década de 10, depois das desgraças que atingiram as famílias. Desde então, nada foi construído lá. O século XX mal alvorecia e as nuvens da peste já haviam rondado a esquina da praça Rui Barbosa.

Juquita Machado imagina que a casa foi demolida em meados da década de 10, depois das desgraças que atingiram as famílias

reprodução



Tragédia das filhas de Wenceslau Pereira de Oliveira foi abafada pela alta sociedade

Escarrar e cuspir

A tuberculose foi uma moléstia que apavorou o imaginário popular à partir do final do século XVIII. Poetas românticos como Álvares de Azevedo, Cruz e Souza, Castro Alves, Cesário Verde, entre outros, a idealizavam como doença de intelectuais: morrer desse mal era tido como um charme mórbido. Entretanto, no final do século XIX a moléstia transmitida pelo bacilo de Koch foi qualificada como "mal social", ou "peste branca", pois a epidemia devorava a população em proporções assustadoras. A violência e rapidez dos sintomas fez com que ganhasse o apelido de "galopante". Segundo o estudo *Memória da tuberculose,* coordenado pela pesquisadora Tania Maria Dias Fernandes e disponibilizado no site da fundação Oswaldo Cruz, (www.fiocruz.br/coc/catalogo-tuberculose) a Liga Brasileira contra a Tuberculose, fundada em 1900, chegou a realizar intenso trabalho de propaganda para tentar minimizá-la, mas somente com a reforma sanitária de Carlos Chagas, em 1920, é que foi criada a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose. Era muito tarde para Olivia, Bembem e Julia.

Em pesquisa desenvolvida no programa de pós-doutorado em História Social do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Tania Andrade Lima explica que o hábito de escarrar e cuspir em público era considerado um comportamento refinado na alta sociedade do século XIX. As escarradeiras ou cuspideiras, de porcelana fina, vidro ou metais nobres, foram muito utilizadas. Nas casas, eram deixadas à disposição das visitas no chão da sala e no gabinete de fumantes. Aquela raspada ruidosa na garganta seguida de pressão nas bochechas para o lançamento do jato triunfal na

issuu-downloader.com

escarradeira da sala, no meio de um agradável bate-papo entre senhoras, era não apenas socialmente tolerado, mas sobretudo uma demonstração de elegância.

"Associando o hábito de escarrar a um dos problemas de saúde mais freqüentes à época — a tuberculose —, é bastante provável que esta prática tenha contribuído fortemente para a rápida disseminação do bacilo de Koch no século passado" escreve a pesquisadora no artigo *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. Em ambientes fechados, sem ventilação, gotículas dos escarros ficam em suspensão e favorecem a contaminação.

De fato, em 1934, anos depois do início das reformas de Chagas, foi publicado um edital no Rio de Janeiro onde se proibia terminantemente o ato de cuspir e escarrar: "*Tornando-se necessário conjurar esforços subsidiários no sentido de diminuir as probabilidades e contaminação pelo terrível flagelo que a Tuberculose constitui (...) Faz-se público a seguinte determinação: É proibido escarrar no chão, quer na via pública, quer nos edifícios municipais (...) ou em qualquer veículo que transite nessa cidade, bem como em hotéis, casas de pensão ou pasto, nos cafés e em todos os estabelecimentos comerciais abertos ao público*". Muito tarde para Lauro Borges e seu irmão, Borgico. Homens elegantes que eram, certamente não se furtavam à fineza de dar aquela escarradinha entre os colóquios familiares na sala de dona Antoninha. Escarradinhas fatais, como veremos.

O hábito de escarrar e cuspir em público era considerado um comportamento refinado na alta sociedade do século XIX

reprodução

Liga Brasileira contra a Tuberculose, fundada em 1900, a realizou intenso trabalho de propaganda para tentar minimizá-la

Vomitando sangue

O principal sintoma da tuberculose é a tosse, no início seca e depois com secreção. Em estágios avançados o doente costuma tossir sangue. A febre é moderada e costuma aparecer à tarde. O tuberculoso também sofre de anorexia, dor no peito, suores noturnos e forte sensação de cansaço. Os leitores do **Revelação** serão poupados de fotos de tuberculosos, pois a condição terminal é lamentavelmente repulsiva. O doente assemelha-se àquelas caveiras cobertas de pele podre que ficam se arrastando e gemendo nos piores filmes de horror. Juquita Machado não conheceu pessoalmente as filhas de Wencesláu, mas lembra-se do caso. "Eram moças fortes e de repente – é uma morte muito violenta – começaram a vomitar sangue e *páf*!", diz.

O drama da família de Wencesláu e Tonica foi completamente abafado na sociedade. Há apenas uma sutil referência na imprensa da época sobre a agonia familiar com a tuberculose de Olivia, Bebem e Julia: um texto de Hildebrando Pontes republicado no Almanaque Uberabense de 1911, escrito por ocasião da morte de Wencesláu. Mas isso será falado mais adiante.

Algum tempo depois dessa tragédia na casa da esquina, os vizinhos da rua Santo Antônio passaram a tossir seco... Eram Lauro Borges, então um jovem advogado e jornalista, e o irmão Borgico. Lauro formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela faculdade de Direito de São Paulo e escrevia regularmente na *Gazeta de Uberaba*, de Tobias Rosa. Com seu primo, Dr. Alaor Prata Soares, fundou e dirigiu o jornal *O Tempo* por cinco anos. Jovem ainda, tinha fama de ser brilhante. Para a angústia de Tonica, a mãe, (Zacarias, o pai, havia morrido em 1897) aquelas tosses assemelhavam-se cada vez mais com os sintomas daquela doença que não ousavam sequer dizer o nome; a "insidiosa molés-tia". As suspeitas foram confirmadas quando os rapazes, entre uma escarrada e outra, tossiram sangue. A mãe, desesperada, decidiu levá-los à Suíça para que respirassem o ar das montanhas – na época, acreditava-se que o clima montanhês, aliado ao repouso e à boa alimentação, proporcionasse cura espontânea. Juquita Machado lembra que, no Brasil, a cidade de Campos do Jordão abrigava sanatórios procurados por tuberculosos de todo o país. Em *Memória da tuberculose,* o médico Raphael de Paula Souza relata em depoimento: "Alguns morriam logo que chegavam na estação de Campos do Jordão. (...) Morriam ali no próprio pátio onde se descia, ali na estação. Isso era freqüente. Era coisa diária, uma coisa trágica".

Algum tempo depois dessa tragédia na casa da esquina, os vizinhos da rua Santo Antônio passaram tossir seco...

Juquita Machado guarda histórias do sofrimento de Tonica, que é sua tia-avó. "Ela perdeu uma das asas do nariz por causa da geada na Suíça. Depois colocou um enxerto, mas ficou escuro, de modo que a gente olhava e via a diferença", conta. Lauro Borges foi devorado pela tuberculose e morreu na Europa aos 26 anos em 31 de janeiro de 1913. Para acompanhar a agonia do outro filho, Tonica decidiu permanecer no velho continente. Lá passou o natal e ano novo. Enquanto isso, o corpo de Lauro ficou depositado em um caixão de chumbo. O tempo foi passando e uma outra bomba relógio na vida da sofrida mãe estava prestes a explodir...

Em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, sucessor do Império Austro-Húngaro, e sua esposa são assassinados durante visita a Sarajevo, na Bósnia-Herzegóvina. Borgico não apresentava melhoras e continuava em tratamento na Suíça. A mãe cada vez mais aflita...

No dia 3 de agosto de 1914, o mundo entra em guerra. O Reino Unido alia-se à França; a Turquia, do lado dos alemães, ataca os portos russos no mar Negro; o Japão, interessado nos domínios germânicos no Extremo Oriente, engrossa o bloco contra a Alemanha: é a Primeira Guerra Mundial. Em 22 de agosto de 1914, Borgico falece na Suíça consumido pela tuberculose. Segundo Eliane Marquez, uma versão dessa história que ainda circula em relatos orais conta que Tonica teve grande dificuldade para voltar à Uberaba com os corpos dos filhos por causa da agitação no Atlântico. Não se sabe direito como conseguiu. A pedido da reportagem do **Revelação**, a aluna de História da Universidade de Uberaba, Cristiane Ferreira, foi ao cemitério municipal conferir, no jazigo da família, as datas de morte de Lauro Borges e Borgico. Os registros conferem com os relatos de memória de Juquita Machado, assim como a hipótese relatada por Eliane Marquez, de que Tonica pode ter tido problemas para retornar: Lauro Borges faleceu de fato em 31 de janeiro de 1913; Borgico em 22 de agosto de 1914. Tonica, que viu as irmãs e os filhos consumidos pela tuberculose, só veio a falecer em 30 de abril de 1941.

Vamos voltar alguns anos e observar a casa da esquina. Desolada com a morte das filhas, desconsolada com a morte do marido em 1910, Antoninha decidiu vender a casa. Há relatos sugerindo que o poder público dedetizou os cômodos, mas mesmo assim ninguém quis comprá-la. Juquita Machado diz que é o "medo do *micróbio*". Em outra versão, diz-se que uma família chegou a comprar a casa e também morreram todos de tuberculose. Mas esta reportagem não encontrou nenhum indício ou relato detalhado sobre essa suposta família. Juquita Machado lembra-se que um filho de Don'Anna, irmão de Genário, o que gostava de tocar violino, também morreu de tuberculose. A casa da esquina foi finalmente demolida, provavelmente na primeira década do século. E aí está, então, o primeiro fenômeno que torna nosso mistério definitivamente intrigante: nunca mais nada foi construído no terreno desde a década de 10.

continua

Arquivo Eliane Marquez

Foto do largo da Matriz em 1916 é um dos três registros encontrados que indicariam a existência da casa

issuu-downloader.com

Terreno baldio no centrão da cidade

Hoje, no terreno da esquina da praça Rui Barbosa com a rua Santo Antônio, entre o edifício Éden e um laboratório médico, funciona um estacionamento. Desde a década de 10, nunca foi feito qualquer tipo de construção nessa esquina. Eliane Marquez, lembra que, em sua infância, o terreno chegou a abrigar por uns tempos uma espécie de parquinho com brinquedos e carrossel, mas nenhuma construção. Um uberabense de 77 anos lembra-se de histórias que viveu no terreno baldio quando era criança. Desconfiado, preferiu entretanto não se identificar. "Não quero falar meu nome. Uma vez dei uma entrevista na TV – aquelas enquetes de opinião – e meti o pau! Aí a turma me viu e ficou ligando lá em casa enchendo o saco!", brinca.

Desde a década de 10, nunca foi feito qualquer tipo de construção no terreno da esquina

Ele diz que, desde que se entende por gente, aquele terreno permanece vazio. "De 70 anos pra cá nunca foi construído nada. Por muito tempo foi terreno baldio, cheio de capim, não tinha nem *fechamento*". Nas primeiras décadas do século passado o jardim da praça Rui Barbosa era repleto de palmeiras. "Eu era menino e guardava folhas de palmeira no terreno baldio pra brincar depois na porta da catedral. Um montava na folha e o outro puxava. Brincadeira sadia. Quem acabou com as palmeiras foi aquele Wadir Nassif, prefeito na época da ditadura do Getúlio", disse.

O uberabense Afrânio Luiz de Azevedo orgulha-se da boa memória e da saúde exibida aos 83 anos. "Sou de 5 de abril de 1919. Nunca fiz extravagância. Só bebi pinga uma vez na vida e fiquei tonto", disse. Seu Afrânio já prestou muitos serviços na rua Santo Antônio. "Eu que forneci as pedras de tapiocanga para casa de Mariquinha Machado Borges e do Coronel Geraldino, [presidente da câmara dos vereadores e agente executivo em 1924, substituindo Leopoldino de Oliveira]", diz. Nos seus 83 anos, afirma que nunca viu qualquer construção naquele terreno da esquina.

Atualmente, nessa obsessão tarada por estacionamentos, compreende-se – à contragosto – que um terreno baldio surrealista, localizado no ponto central da cidade, seja explorado economicamente num negócio de guardar carros. A sanha por vagas é tão doentia que, vez ou outra, ouvem-se rumores de proprietários pretendendo destruir o patrimônio histórico para instalar estacionamentos. Se a sociedade e o poder público não ficarem *de olho*, a memória de Uberaba pode ir ao chão a qualquer momento. Mas essa fúria maníaca por vagas para carro, pretexto utilizado há quinze ou vinte anos, não explica o terreno baldio que atravessou o século.

Alguns dos entrevistados imaginam que a especulação imobiliária por si só congelou o terreno em todo o século XX. Alguns taxistas no centro da cidade – é impressionante como esses sujeitos sabem de tudo – afirmam que o lote foi comprado pelo fazendeiro Osório Adriano e deixado como herança à família. Mas outras pessoas lembram que, nessa história, pousa o espectro da superstição e do imaginário popular. Há outro mistério que deixa o caso ainda mais charmoso: apesar das dezenas de fotografias retratando a praça Rui Barbosa da época, não há fotos dessa casa. Mas isso será explicado mais adiante.

História estava quase perdida

Poucas pessoas na cidade conheciam esta história com detalhes. Eliane Marquez afirma que o caso sobrevivia apenas na tradição oral. Não existia qualquer relato por escrito. Por isso, estava quase perdida com a passagem das gerações. O historiador e pesquisador do Arquivo Público, Pedro Coutinho, afirmou que já ouviu falar da história, mas sem detalhes. Fontes das famílias que preferiram não ser identificadas ajudaram a construir grande parte desse quebra-cabeça.

Ao entrevistar as pessoas na praça dos Correios, na praça Rui Barbosa e no calçadão da rua Arthur Machado, percebe-se que poucos conhecem a história, e mesmo assim de forma bastante imprecisa. Vera Lúcia Chaves de Olivera, 49, moradora do centro da cidade, já ouviu falar, de forma muito superficial, de uma antiga história de certa família que morou na praça e morreu de tuberculose. O uberabense Benedito José da Silva, 75, também já ouviu algo parecido, também de forma muito difusa e genérica. Célia Regina, 55, voluntária do VENCER – grupo de apoio às famílias de doentes de câncer –, lembra que seus avós contavam a história para passar medo nela quando criança. "Se a gente não queria tomar remédio, eles falavam: toma, senão vai acontecer igual à família da casa da Rui Barbosa", lembra.

Arquivo Público

Em uma das raras fotos da praça Rui Barbosa onde o ângulo engloba a esquina das ruas Santo Antônio com Olegário Maciel, nota-se a falha do terreno baldio no meio dos outros prédios

Maria da Silva, catadora de papel no centro da cidade, nunca ouviu falar da história. "Eu sei é do caso dos meninos que nasceram peludo e com a *formatura* igual macaco. Tem um tempo já que aconteceu. Eles moravam lá na Mata do Ipê. Não sei se ainda estão lá. Essa dos tuberculosos eu não conheço", diz.

"Nenhuma família admitia ter um caso de tuberculose, embora todas tivessem"

Provavelmente por tratar-se de família da alta sociedade uberabense, a imprensa e mesmo os livros de história relegaram não só a história, mas as próprias pessoas ao esquecimento. De fato, em depoimento à *Memória da Tuberculose*, o médico Aldo Villas Boas relata que a tuberculose era um tabu. "Nenhuma família admitia ter um caso de tuberculose, embora todas tivessem", diz.

Em *História de Uberaba*, de José Mendonça (Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974. p. 221), estão registrados apenas quatro filhos de Wencesláu: João Eusébio, Joaquim, Ana e Antônia. Não há sequer referência às filhas mortas. Entretanto, no livro de árvore genealógica *Do Silva ao Prata*, de Delia Maria Prata Ferreira, (1990, p. 95), as filhas Olivia, Bembem e Julia estão registradas nos sub itens 2.7, 2.8 e 2.9, referente aos filhos do casal Wencesláu e Antônia, dessa forma mesmo, ou seja, apenas no primeiro nome ou, no caso de Bembem, no apelido. Em História de Uberaba nota-se também a omissão de mais dois filhos: Maria Castorina, a Cotinha; e Wenceslau, o Lauzinho. Cotinha está registrada no sub item 2.6, que também traz a foto reproduzida na pág. 6 do **Revelação**.

No Almanaque Uberabense de 1911, editado pela Livraria Século XX (p. 152-158), disponível no Arquivo Público Municipal, encontra-se um artigo publicado em reverência à memória de Wencesláu, falecido no ano anterior. O estilo é um *nariz-de-cera* delicioso, na melhor tradição das letras barrocas. O texto discorre uma bonita biografia de nosso personagem. Descobre-se que Wencesláu era professor e fundou, atendendo a convite do engenheiro Fernando Vaz de Mello, o colégio Vaz de Mello, o primeiro estabelecimento de ensino de Uberaba, segundo o relato do Almanaque.

fotos: arquivo Eliane Marquez

Esquina foi evitada nos enquadramentos de fotos que retrataram a praça em todos os períodos cronológicos da cidade. Terreno está sempre aquém ou além do corte das fotos

issuu-downloader.com

Em artigo assinado por Hidelbrando Pontes, nessa mesma edição do Almanaque Uberabense, a relação de Wencesláu com os alunos é assim descrita: *"Com que caricias, intuição e methodo não fazia elle gravar no cerebro juvenil dos nossos patricios lições de arithmetica, portuguez, francez e latim (...)*. Wencesláu também escreveu para o Gazeta de Uberaba e foi correspondente durante muitos anos do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro.

E então os detalhes que queremos*: "Aqui contrahiu nupcias com a exma. sra. d. Antonia Mathilde de Oliveira, filha legítima do Capitão Manoel Joaquim da Silva Prata, em 28 de setembro de 1856,* ***tendo desse consorcio nove filhos, dos quaes sobrevivem quatro*** *(...) (grifo nosso).* Cotinha, portanto, já havia morrido antes do pai. Não se sabe se foi também tuberculose.

No texto de Hidelbrando Pontes, encontramos, finalmente, depois de uma ode à figura de Wencesláu, uma referência à tragédia que levou a família ao desespero:

"Bom cidadão, espírito culto, alma generosa, dois annos depois eil-o pelos laços do matrimonio ligado a uma distincta moça de conceituadissima familia desta terra.

Decorrem-se os anos, vemol-o rodeiado de seus herdeiros para os quaes o seu bello coração de mineiro nato é um precioso vaso, a transbordar incessantemente os mais sublimes exemplos de honestidade e bondade. ***Mas a sorte amara entendeu escolhel-o para seu divertimento, roubando-lhe a curtos intervalos maior parte desses fragmentos de sua alma e leval-os para muito longe... além.***

Esses golpes bruscos, tão naturaes, mas inconformaveis, deixaram nas suas veneradas faces profundos sulcos visiveis mesmo através do eterno sorriso errante dos seus lábios." *(grifo nosso)*

Coitado de Wenceslau e Antoninha. Devem ter sofrido demais. Na primeira edição do Almanaque Uberabense, em 1895, estão listados os nomes e endereços de todos os estabelecimentos comerciais da cidade na época. Na praça Rui Barbosa, que então chamava-se largo da Matriz, constam nessa listagem, entre outros escritórios, o consultório médico do Dr. José Joaquim O. Teixeira e a "pharmacia" Sampaio & Zeferino. Na edição de 1911 do Almanaque foi publicado um anúncio de um remédio contra a tuberculose, o PHOSPHO-THIOCOL granulado de Gioffoni. "*Restaurador pulmonar de grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de Gioffoni tonifica o organismo de modo a resistir á invasão do bacilo de Koch e extermina este quando já há contaminação. Adorável ao paladar, pode ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera (...)".* Portanto, em um exercício de reconstituição do cotidiano histórico, permitiríamos imaginar dona Antoninha caminhando aflita até o consultório do Dr. Teixeira, que receitava o PHOSPHO-THIOCOL granulado de Gioffoni, que era então comprado na *pharmacia* Sampaio & Zeferino, tudo no largo da Matriz.

arquivo Eliane Marquez

Todos os prédios da praça foram exaustivamente fotografados. Menos a casa de Wencesláu

Mas outro fenômeno concorre para que a história permaneça no esquecimento: não há, nos principais arquivos de Uberaba ou nos guardados pessoais de descendentes, nenhuma foto da casa. Além disso, em toda a história da cidade, há pouquíssimas fotos daquela esquina, como será demonstrado a seguir.

Não há, nos principais arquivos de Uberaba ou nos guardados pessoais de descendentes, nenhuma foto da casa

Não existem fotos da casa

Eliane Marquez possui um grande arquivo de fotografias históricas da cidade. A pedido da reportagem do **Revelação**, selecionou dezenas de reproduções da praça do final do século XIX e primeira metade do século XX, certa de que encontraria a casa em questão. Nada feito. Admitiu que não tinha a foto. Uma fotografia retratando uma parada de alunos maristas em 1916 (foto na pág. 7) parece ter, ao fundo, o espectro da casa. Mas não dá para ter certeza, porque está muito embaçada e embaralhada. Flávio Arduini Canassa, historiador e pesquisador do Arquivo Público Municipal, procurou no respeitável acervo da instituição, mas não encontrou. A única foto disponível em que talvez a casa esteja presente, bem lá no fundo e de forma muito difusa, é uma reprodução da mesma foto da professora Eliane Marquez. Na sala de pesquisa coletiva do Arquivo encontra-se, afixado à parede, uma fotografia do largo da Matriz, tirada em 1894, onde a casa parece estar ao fundo, mas de forma bastante difusa e espectral.

O escritor e professor na Universidade de Uberaba, Hugo Prata, tem em suas mãos uma coleção da revista Lavoura & Comércio com exemplares a partir de 1918. Há dezenas de fotografias de várias épocas da praça. Mas nada da casa. Juquita Machado tem a alma de arquivista e guarda consigo fotografias colecionadas nos seus 91 anos de vida. Também não tem foto da casa. Na coleção do Almanaque Uberabense disponível do Arquivo Público há muitas fotos da praça: a casa não aparece em nenhuma. A Biblioteca Central da Universidade de Uberaba tem livros, teses e monografias sobre a cidade. Algumas obras apresentam diversas reproduções do final do século XIX e começo de XX. Nada da casa. As estudantes de Arquitetura da Universidade de Uberaba, Lilia Lucena e Fernanda Castro, estão concluindo um projeto de iniciação científica cuja tema é a revitalização do centro histórico de Uberaba. Centradas na praça Rui Barbosa, pesquisaram em diversos arquivos. Encontraram farto material, mas nada da casa.

A única foto que pode ser um registro parcial é aquela publicada na capa do Revelação e reproduzida abaixo

O fotógrafo Ricardo Prieto é proprietário de um dos arquivos mais representativos da cidade. Possui originais e reproduções de diversos períodos dos 182 anos de Uberaba. Todas as mansões e prédios já demolidos da praça estão lá retratados. O antigo prédio da Câmara Municipal, a casa do Major Quincota, o antigo teatro São Luís, a bicicletaria de Varoto e o açougue de Don'Anna... mas nada da mansão dos tuberculosos.

Analisando com mais atenção os cortes nas fotografias, Prieto notou um fenômeno que o deixou curioso. No seu arquivo – assim como notado em todos os arquivos consultados pela reportagem do **Revelação** – três cantos da praça Rui Barbosa foram exaustivamente fotografados em todas as épocas. Há dezenas de fotos retratando a esquina do cruzamento com as ruas São Sebastião e Tristão de Castro – prédio do antigo conservatório e a Vila Real; a esquina da rua Manoel Borges – Câmara Municipal e Hotel Chaves (antigo prédio do Notre Dame de Paris); e o cruzamento com a Vigário Silva, a alguns metros do Lavoura e Comércio. Mas a quarta esquina, o cruzamento com a rua Santo Antônio, quase nunca aparece no panorama de qualquer foto. A esquina está sempre a alguns metros além ou aquém do corte das fotos. As mais assombrosas são as dezenas de fotos da igreja Matriz (veja exemplos na pág. 8), que quase sempre englobam a esquina da rua São Sebastião, à direita, mas em raríssimas poses incluem a esquina da rua Santo Antônio, à esquerda. Os cortes estão sempre a alguns metros dessa esquina. Ricardo Prieto admitiu que nunca havia percebido esse fenômeno e declarou-se surpreso com a constatação. "De fato, aquele ângulo foi totalmente esquecido pelos fotógrafos da cidade", afirmou.

A única foto em seu arquivo que pode ser um registro parcial da casa é aquela publicada na capa do Revelação e reproduzida abaixo. A foto provavelmente foi tirada na década de 10. Pelo estado da parede, imaginaríamos que já estava abandonada. O pequeno prédio cinza escuro no centro é o teatro São Luís, atual cine-teatro São Luiz. A casa mais acima é a bicicletaria de Vitorio Varoto e açougue de Don'Anna Felicce. Comparando a partir do ponto de vista do fotógrafo, que certamente posicionou-se no alto da igreja Matriz, parece provável que essa construção de parede descascada e janelas escuras no canto direito da foto trata-se da casa em questão.

Ao pegar pela primeira vez em sua vida essa foto, Juquita Machado voltou no tempo e subiu novamente pela calçada do largo da Matriz, cumprimentou Major Quincota à porta de casa, olhou para o buraco de bala na parede do teatro São Luiz, ouviu Genário Felicce tocando seu violino, reconheceu a lateral da casa da esquina, sentiu seu coração batendo e afirmou: "esta é a casa".

arquivo Ricardo Prieto

Juquita Machado voltou no tempo e caminhou no cenário desta foto do início do século XX

issuu-downloader.com

Religião

Celibato: contra ou a favor

Crise vivida pela igreja católica abre novamente a discussão sobre a liberação do casamento para os padres

Margarida Ribeiro
7º período de Jornalismo

Celibato é um assunto que vira e mexe está fazendo parte dos temas polêmicos. E como não poderia ser diferente, surgem muitas opiniões e questionamentos do tipo: que sentido tem o celibato na vida de uma pessoa? Ou ainda, porque padre não pode casar-se? Existem também indagações fundamentadas no primeiro livro da Bíblia, em que diz que o homem e a mulher devem ser fecundos e se multiplicarem (Gênesis 1, 28). Colocações pertinentes como estas, costumam acompanhar as conversas sobre a questão.

Para conhecer o sentido real desta pequena palavra adjetivada de vários modos, recorremos aos escritos das edições paulinas sobre temas de espiritualidade, que são fiéis aos conteúdos da tradição cristã. A descoberta foi que, o celibato no século II era vivido por crentes celibatários, chamados de ascetas, e mulheres, chamadas de virgens, que vivem este estado em honra a Jesus Cristo.

No século III, há afirmativa de que o celibato e o matrimônio, por sua natureza, são dois estados indiferentes e que o que conta é o amor neles vivido. É possível ser irrepreensível também no matrimônio; no entanto a virgindade é um dom indescritível. Naquele século, o celibato era interpretado como testemunho de virgindade, como viveram os profetas Elias, Eliseu, João Batista, os apóstolos João e Paulo.

No séc. IV é consolidado na vida sacerdotal. Neste período o celibato encontrou o seu estatuto definitivo na espiritualidade e na vida cristã. As obrigações do celibato foram solenemente sancionadas pelo Concílio de Trento (Assembléia de autoridades católicas convidadas que tratam assuntos dogmáticos, doutrinários ou disciplinares), e por fim inseridas no Código de Direito Canônico (cân. 277). (Código de Direito Canônico - coleção de leis que regem a Igreja Católica).

Hoje, voltam-se a ler o celibato e matrimônio, ligando-os um ao outro, porque um explica o outro e reciprocamente recebem o seu valor.

O celibato cristão é vocação, desprendimento, amor a Cristo, dom concedido para utilidade da Igreja, apesar de ser duramente criticado por algumas pessoas. Até mesmo provocando reações que vão desde incredulidade em relação à sua possibilidade até o desprezo aberto.

Mesmo diante de pontos de vista que divergem, a Arquidiocese de Uberaba conta com 56 padres diocesanos, dois arcebispos, vários padres religiosos, somando quase 70 ministros de Deus que se dispuseram a viver conforme o modo de vida de Cristo.

Sentido profundo do Celibato

O arcebispo emérito de Uberaba dom Benedito de Ulhoa Vieira, explica que o significado de celibato é o contrário das expressões que saem nas televisões e nos jornais. Não é dogma. Dogma é uma verdade de fé que não se discute. O celibato é uma questão de disciplina eclesiástica.

No início do cristianismo não havia essa lei do celibato para os sacerdotes e os bispos. Havia sim, uma disposição pessoal dos religiosos. Depois, no decorrer dos séculos, a Igreja põe essa norma de vida, que é uma lei difícil, mas que tem suas raízes sublimes, vindas do evangelho. Em primeiro lugar, a imitação de Jesus Cristo que não foi casado.

"Existem os que não se casam por causa do Reino dos céus! Quem puder entender, entenda!"

Dom Benedito esclarece que para o padre que participa da vida da Igreja e que é o representante de Jesus, convém que ele seja o mais próximo possível daquilo que Jesus foi. Recorda do documento oficial da Igreja, escrito em 1967 pelo papa João VI a respeito deste assunto. "O celibato não abafa a psique humana, nós continuamos humanos, homens viris, continuamos com a nossa afetividade; o que acontece é um amor maior". Alguém pode questionar: que amor maior é esse, do qual fala o papa?

Dom Benedito tem a explicação. Ele comenta que o homem que escolhe uma mulher para casar-se, deve segundo a lei do evangelho, dar todo amor de sua vida a essa mulher e ao filhos que vierem depois. "Como diz o apóstolo Paulo, ele tem que dividir-se entre a mulher e Deus".

No caso do celibato sacerdotal e religioso é uma consagração total da vida. Às vezes se ouve: o padre não pode casar. "Eu acho essa definição horrorosa. O celibato não é *não casar*. É muito maior. É uma atitude de um amor profundo a Deus. Por causa de Deus, a pessoa que se consagrou a ele pelo celibato se dedica então ao povo desem-pedidamente de uma fa-mília. Se tivesse uma família e filho como poderia dar o tempo integral a Deus. Estar a disposição dos doentes, das crianças, dos jovens e de todos?", indaga dom Benedito.

arquivo

Para dom Benedito, celibato é questão de disciplina eclesiástica

O bispo declara que o celibato não é falta de amor, mas é amor maior e, que não há divisão da psicologia com o afeto do consagrado. Continuam com as tendências normais. "Consagramos tudo isto a Deus por um amor maior, que é de querer só Deus em nossa vida, e por causa de Deus nos dedicamos ao próximo"

Muitas coisas às vezes acontecem na história da Igreja e são lamentáveis. "Nós não podemos tomar as exceções como uma regra. Na vida sacerdotal existem casos lamentáveis, dolorosos, no passado e no presente, mas felizmente digo, que esses casos são excepcionais, o número de padres que morrem com odor de santidade é conhecido pelo povo como homens santos e nós temos a consolação até de dizer não só padres, mas, bispos". Ele cita um bispo antigo aqui em Uberaba, dom Antonio Lustosa. Foi bispo de Uberaba, depois terminou a vida como arcebispo de Fortaleza. Ele está em processo de canonização. Outro exemplo de santidade mencionado é dom Gabriel Couto, que foi bispo em Jundiai SP, e também tem processo de canonização. "Todos esses bispos foram padres, antes de serem bispos".

"Ninguém pode ser forçado, obrigado, a ser celibatário, a não se casar, para ser padre"

Dom Angélico Sândalo Bernardino, Bispo de Blumenau (SC) e responsável pelo Setor de Vocações e Ministérios da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), escreveu para o boletim nº648 da CNBB dizendo que o celibato é dom concedido por Deus à pessoa que se entrega de modo absorvente, radical, de corpo e alma à causa do Reino. É explosão de amor. Jesus foi celibatário não por obrigação e, sim, por livre opção da entrega total de sua vida ao Reino do Pai! No evangelho de Mateus (19,1-9), depois da controvérsia sobre o divórcio, Jesus se reporta ao celibato, como dom, afirmando: "existem os que não se casam por causa do Reino dos céus! Quem puder entender, entenda!".

O bispo Benedito Ulhoa, fala que a Igreja latina escolhe seus padres, entre homens que vivem em celibato e pretendem manter o celibato. "Ninguém pode ser forçado, obrigado, a ser celibatário, a não se casar, para ser padre".

Conforme o mesmo bispo, os requisitos necessários para os jovens que desejam entrar para o sacerdócio, que quer oferecer a vida a Deus, na integridade da sua pureza e do seu celibato, tem de ser um homem de oração, que sabe abster-se até mesmo de prazeres lícitos".

Exemplos de dedicação

Para ilustrar a dedicação desses homens que estão a serviço de Deus, dom Benedito citou uma passagem de sua vida, de quando esteve em retiro no Acre junto a outros padres alemães. Ele trabalhava com a comunidade ribeirinha e com os índios. Para ir de uma localidade a outra, levava cerca de oito dias. Segundo dom Benedito, os padres alemães dedicavam intensamente à missão e alegavam que, se pudessem, iriam para casa apenas de três em três anos. "A nossa vida tem que ser aqui, dedicada aos índios e às comunidades da beirada do rio", dizia os missionários a dom Benedito.

Dedicação assim não é previlégio apenas do Acre, conforme ressaltou dom Benedito. Aqui em Uberaba há celibatários que deixaram tudo, inclusive a possibilidade de possuir grandes bens, para dedicarem-se à prestação de serviço por tempo integral ao povo. É o caso de dom Antonio Alberto Guimarães, que nasceu numa fazenda no município de Uberaba e hoje é bispo da diocese de Caetité, na Bahia. No período em que realizava missões, quando ainda não era bispo, dom Alberto a cada dia dormia numa casa, pois todos os dias estava em lugar diferente, cumprindo seu compromisso de missionário. Foi o que nos relatou. Como bispo ele também defendeu muitos pequenos agricultores de grileiros que tentavam tomar suas terras.

De acordo com diversas publicações das mídias católicas, muitos missionários foram martirizados na América Latina por defenderem a causa dos menos favoritos. Se fôssemos elencar o nome dos celibatários, que morreram porque defendiam a causa das pessoas pobres, com certeza seria bem grande a lista.

issuu-downloader.com

Cursos

Uma opção de trabalho em favor do próximo

A preocupação com o bem estar da população atrai a cada dia mais cadidatos ao Serviço Social

Wesley Jacinto
7º período de Jornalismo

No dia 15 de maio, comemora-se o dia do Assistente Social. Um profissional de nível superior, formado no curso de Seviço Social, que adquire competência para interferir em diversas áreas ou segmentos ligados ao social, como saúde, educação, habitação, questão jurídica, previdência social, entre outras. Dentro dessas atuações, sua intervenção ocorre através da organização de projetos sociais, no sentido de dar ao usuário a idéia de direito social, intermediando uma política pública, que na verdade é um direito garantido pelo cidadão. O aluno ou profissional só não vai poder atuar durantes os estágios numa instituição que não tenha o assistente social.

A profissão de serviço social iniciou-se a partir do desenvolvimento do capitalismo, no período da Revolução Industrial, para suprir a necessidade de um trabalho voltado para a classe trabalhadora. As diferenças sociais impostas pelo capital dividia a sociedade entre oprimida e opressora, ficando a primeira com os proletariados e a outra com os donos do poder. No Brasil a profissão surgiu em 1936, com a inauguração da primeira escola em São Paulo.

A diretora do curso de Serviço Social da Universidade de Uberaba, Rosane Martins, 30, é formada há quase dez anos e está iniciando seu doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sua proposta de estudo é discutir a formação profissional do assistente social e quais são as dimensões da subjetividade que permeiam o processo de ensino e aprendizagem. Ela procura mostrar que a formação profissional necessita das questões teóricas e de embasamento científico. Além disso, as relações do docente com o aluno devem ser permeadas por questões subjetivas que ultrapassam a ciência racional.

Como assistente social ela contou que teve oportunidade de trabalhar em várias instituições, duas delas públicas. Desta experiência Rosane Martins pôde verificar que o investimento nas ações em benefício da população carente é muito restrito, e o profissional tem que atuar com limitações impostas pelo local de serviço. "Diante disso pode ser frustante para quem lida nessa parte", disse ela.

Rosane Martins procura trabalhar com os alunos a visão crítica da realidade

Quando trabalhava em um hospital, Rosane Martins presenciou histórias tristes, que lhe fizeram refletir sobre o significado da vida e da condição humana. Uma delas foi quando acompanhou o estado terminal de uma criança de 10 anos, vítima de queimaduras. " Quando cheguei e vi aquela criança toda queimada, fiquei atordoada", relembra. Mesmo que a emoção invada o profissional gerando uma sensação angustiante, a assistente social ressalta que é necessário ter equilíbrio para dar o amaparo aos entes das vítimas.

> **"Muitas vezes o papel do assistente social é confundido, achando que sua função é somente oferecer algo às pessoas"**

O lamentável, segundo ressaltou, é que muitas vezes, quando o assistente social é aclamado, o paciente já está em estado terminal, neste ponto, não cabe mais o tratamento preventivo e sim o curativo. Por outro lado, ela disse que é gratificante para o profissional dar atenção ao paciente, ouvi-lo, entrevistar e trabalhar com ele no encaminhamento e no acolhimento para resolver seus problemas.

Mercado de trabalho

Segundo Rosane Martins o grande empregador do assistente social são as empresas públicas. Ela ressaltou que nesses locais eles trabalham com as políticas sociais, qualquer que sejam as áreas onde o governo federal implemente suas politicas. "Nós trabalhamos tanto na execucão dessas politicas, como na implementação e no planejamento delas", lembrou. Ela destacou que no setor privado o profissional trabalha junto ao recursos humanos, na implementação da política da empresa, na sua organização.

O curso de Serviço Social da Universidade de Uberaba busca formar profissionais para atuar nas mais diferentes áreas de mercado, sempre visando a construção de um profissional com senso de criticidade. O curso foi criado em 1998, iniciando com 11 alunos. Neste ano entraram mais 22 que junto aos demais somam 64 alunos em todo curso, cuja duração é de quatro anos. "O que a gente percebe é que o curso está começando a ter seu reconhecimento na comunidade. Antes havia um total desconhecimento sobre a profissão e de sua existência na Universidade de Uberba" afirmou Rosane.

Desafios

De acordo com a diretora Rosane Martins os desafios que os alunos vão enfrentar no mercado de trabalho são vários, a começar pelo desconhecimento da profissão. "Procuramos trabalhar com os alunos no sentido deles poderem ter uma visão crítica da realidade, e ao mesmo tempo, propor alternativas para enfrentar às diversas questões que envolvem o social", disse Martins. Ela mencionou que o curso tem seu projeto pedagógico de acordo com as diretrizes curriculares aprovadas pelo MEC (Ministério da Educação) sendo indicados o perfil dos formandos, as competências e habilidades, a organização do curso, entre outros requisitos.

Muitas vezes o papel do assistente social é confundido, achando que sua função é somente oferecer algo às pessoas. Atualmente a postura adotada é diferente, pois o assistente social pode até utilizar os recursos materiais com o objetivo de criar um vínculo com a família que necessita de atendimento. Mas o que eles querem mostrar é que além de atender às necessidades imediatas, são capazes de trabalhar com outros profissionais na elaboração de propostas em benefício da coletividade. Rosane Martins terminou dizendo que, em relação aos problemas sociais, nem sempre é possível resolver, pois percebe-se que estão se agravando ainda mais.

Expectativa

A aluna Carine Mendes de Abreu, 22, que se forma no final do ano, comentou que descobriu através do teste de vocação profissional que queria fazer o curso de Serviço Social. Ela está otimista em relação ao futuro. "O mercado está muito aberto o que facilita o nosso acesso ao trabalho" falou. Ela complementou que até mesmo no estágio que faz, no Hospital São Francisco, a carência de profissionais é grande.

"Tanto na teoria quanto na prática existem limites, mas a gente tem que ser um profissional criativo capaz de elaborar propostas e ao perceber as barreiras do dia-a-dia não recuar, mas ter ter estratégias de atuação para superar as dificuldades", ressaltou a estudante.

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com